



**“Nossa luta agora é tirar esse nome de vale da pobreza”:
*corpoterritóriosartesãs em matemáticaS performadas em defesa da vida***

“Our fight now is removing the name of poverty valley”: bodyterritorycraftswonan in performative mathematics in defense of life

Rafael Antunes Machado^[1]

Resumo: O presente texto apresenta parte de uma pesquisa de doutorado em andamento no âmbito da Educação Matemática. O artigo discorre sobre a prática de mulheres artesãs do barro de Campo Buriti e Campo Alegre, comunidades rurais do município de Turmalina/MG, esculpidas no Vale do Jequitinhonha, enquanto fazeres que performam a insurgência feminina – de *corpoterritóriosartesãs* – em defesa da vida. Tal prática, em diálogo com a Educação Matemática, mobiliza-nos a sentir o trânsito da Matemática regimentada pelo *saber* para matemáticaS enquanto *fazeres* corporais performativos. A modelagem da escrita, inspirada pela modelagem do barro, debruça-se sobre o questionamento de *como a prática do artesanato de Campo Buriti e Campo Alegre insere-se no campo de um jogo performático como proposto por Ludwigg Wittgenstein e quais as interconexões desse jogo com o jogo das matemáticaS*. Teórico-metodologicamente, esculpo as palavras com inspiração nos jogos de linguagem de Ludwigg Witgenstein e na teoria gramatical desconstrucionista de Jacques Derrida. Em uma observação panorâmica dos fatos, segundo abordagem terapêutica wittgensteiniana, de dentro dos fenômenos gramaticais, contemplo, em sobrevoo, o entrelaçamento entre jogos do Vale e os jogos das matemáticaS. Não há, entretanto, um desfecho apoteótico deste texto, mas confabulações que nos conduzem a uma prática de vida, pela vida, com a vida.

Palavras-chave: Educação Matemática. Artesanato. Corpoterritórioartesã. Jogos de Linguagem.

Almas

A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações... Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator de vida das cidades, a rua tem alma (do Rio, 2012, p. 7).

Soa-me estranho pensar, juntamente com a epígrafe que abre este artigo, na alma da rua? Aliás, sobre qual cosmologia percebemos a “alma”? Algo cristão-europeizado que associa a qualidade da alma apenas a seres humanos? E se nos debruçarmos sobre cosmologias afro-diaspóricas, indígenas ou outras mais: seres, para além dos humanos, vicejam em almas? Podemos pensar nas ruas, então, como entidades vivas e, por isso, dotadas de alma? Nesta toada, é possível pensar em elementos naturais não-humanos, como o barro, o fogo, a água,



enquanto seres dotados de alma e, por isso, caminhantes em expressões de afeto e produção de significados?

Esta última questão emerge do encontro de um pesquisador na Educação (Matemática) com os corpos humanos e não humanos envolvidos em performances de artesãos de Campo Buriti e Campo Alegre, zona rural de Turmalina, Minas Gerais, no vale do Jequitinhonha (Brasil). Um pesquisador que se alegra com as criações das artesãs e suas formas de se viver o cerrado mineiro. Por vida, esta escrita procura pelas reverberações desses encontros para pensar a Educação (Matemática) ao contemplarmos os aspectos sociais, econômicos e políticos alinhados a uma abordagem acadêmica sobre cultura, decolonialidade e *corpoterritório* que trago nestas páginas. As discussões aqui pretendidas juntamente com as artesãs de Campo Buriti e Campo Alegre inserem-se, também, segundo Haesbaert (2021), em debates com ênfase ao corpo “ou melhor – sobre a corporeidade, definida por Alicia Lindón (2012) como “linguagem estrutural que transpassa o corpo” (p.703) “centrada nas práticas cotidianas” (p.165). *Corpoterritório* surge, então, como uma abordagem, a partir da perspectiva de gênero, que “ênfatiza o território relacionado à escala primordial do corpo, o “corpo-território”, proveniente principalmente de proposições de pesquisadoras feministas (ou ecofeministas) e do movimento indígena, que atentaram para o poder da corporeidade ao mesmo tempo como objeto de exercício do poder e como sujeito (corporificado) de resistência”. (Haesbaert, 2021, p.163)

Este artigo nasce de uma pesquisa de doutorado¹ em andamento desenvolvida na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais em diálogo com mulheres artesãs e com suas práticas com o barro nas comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre. No projeto da tese, desenvolvida no âmbito da Educação Matemática, entretanto, não tratamos a Matemática da forma como a disciplina povoa o imaginário coletivo. Ludwig Wittgenstein (1979) se pergunta: “O que estamos tirando da matemática quando dizemos que ela é apenas um jogo (ou: é um jogo)?” (Wittgenstein, 1987). Caminhemos, então, no sentido da Matemática enquanto um jogo praticado por um grupo específico de humanos. Em um jogo, há regras,

¹ A pesquisa é intitulada “Currículos artesãs: movimentos curriculares de matemáticas mobilizados por performances de artesãs do Jequitinhonha” e foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Minas Gerais com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) sob código 71628123.6.0000.5149.



procedimentos, enunciações organizados sobre um propósito e o grupo que pratica esse jogo conhece e joga segundo essas regras. No xadrez, por exemplo, a Rainha tem seus movimentos estabelecidos. Na Matemática, há condutas inequívocas que a inserem no campo do jogo. Mudar as regras ou criar novas implicam na criação de um novo jogo. A Matemática, segundo essa visão, é um fazer ligado à própria ação de construir e seguir regras, para além de um corpo de saber embutido.

Nesse sentido, Ludwig Wittgenstein (1979), afirma que “na práxis do uso da linguagem, um parceiro enuncia as palavras, o outro age de acordo com elas. Chamarei de jogos de linguagem o conjunto da linguagem e das ações com as quais está interligada” (Wittgenstein, IF, §7).

De maneira análoga, represento o artesanato enquanto, também, um jogo de linguagem: há praticantes que conhecem as regras e as praticam segundo propósitos normativos. Da interseção das ações de cada jogo, emerge a pergunta que alimenta as páginas deste artigo: *como a prática do artesanato de Campo Buriti e Campo Alegre insere-se no campo de um jogo performático como proposto por Ludwig Wittgenstein e quais as interconexões desse jogo com o jogo das matemáticas?* A partir de agora, afastar-me-ei da grafia e da epistemologia por detrás de Matemática² para, então, aproximar-me de matemáticas³ ou jogos corporais performativos. O jogo com o barro é uma prática situada temporal e geograficamente dadas as atuações das mulheres que a desenvolvem. E, nessas atuações, situar como emergiu a prática na região é um ponto fundamental para entendermos as transformações pretendidas no Vale. Adentramos, então, por meandros de um território que se constitui nos corpos das artesãs, da

² “Matemática” com inicial maiúscula remete ao campo universalizante e disciplinarizado de uma prática com bases excludentes e com regras eurocentradas. Essa prática invisibiliza epistemologias periféricas e desqualifica saberes populares (ditos não-acadêmicos). Nesse sentido, perceber o que faço e como me movimento frente a presença do outro – uma matemática minúscula, ou matemáticas – escancara todas as ausências às quais aquele foi submetido em detrimento a todas as regalias herdadas pelo meu corpo educado segundo as regras e privilégios da Matemática.

³ Respaldados pela terapia filosófica de Ludwig Wittgenstein e pelo desconstrucionismo de Jacques Derrida, significamos a Matemática enquanto conjunto de regras e códigos – gramática – praticados por pessoas ou comunidades específicas que interagem entre si e com elementos não-humanos. Ao assumirmos matemáticas plurais que se fazem em solos não acadêmicos, que quebram com padrões de herança masculina e colonial e que, sobretudo, aliam forma a conteúdo, elucidamos, então, novas regiões em que o conhecimento se mostra pela ausência, não no sentido de faltar, mas no sentido de se ocupar, de integrar um espaço. Fomos acostumados à Matemática da presença, do masculino, do empoderamento do/pelo falo. A aposta, então, é a das matemáticas que preenchem, consonantes à manutenção da vida, à eliminação da pobreza e ao favorecimento da cultura como recurso memorialístico e de guinada social. matemáticas que não se fazem da expropriação de corpos, mas que se instauram juntamente a eles. matemáticas enquanto jogos de seres fora das Academias. matemáticas marginais, assim como as práticas das artesãs do Vale.



mesma forma que os *corposterritóriosartesãs* inspiram parte de uma cultura manifestada no/pelo bioma cerrado.

A alma dos incômodos

Observemos, de antemão, as cenas construídas como um todo. Observemos de fora, em sobrevoo, distanciando-nos para nos aproximamos de um fato de lugares distintos. Ao observar de lugares diferentes construímos uma

apresentação panorâmica, cujo fim é persuadir e não determinar o verdadeiro e o falso, vale também como recurso terapêutico não somente a iluminação das conexões normais da gramática, mas também a invenção de interligações. (Wittgenstein, IF § 124).

Ao nos atentarmos ao panorama que as cenas nos proporcionam, percebemos a atuação interligada de diferentes atores da pesquisa. Fenômenos não ocorrem isoladamente, temporal e espacialmente, e seus agentes constituem uma grande cena multifacetada. As cenas seriam, então, *grandes, pequenas, médias, ocupadas, rarefeitas, artesanais, espaçadas, interligadas, nuas, mudas, eloquentes, polifônicas, ateias, cristianicas, ruas?*

Nesse panorama e nas cenas interconectadas, o artesanato em barro é, ao mesmo tempo, ator e ato. Em uma historicidade política regimentada por um órgão governamental, o artesanato em barro desenvolvido nas comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, é, além de Patrimônio Imaterial de Minas Gerais (IEPHA, 2018), uma forma de expressão e manutenção da vida. Segundo o mesmo instituto, a prática sociocultural do artesanato em barro tem origem na década de 1970 e é desenvolvida, prioritariamente, por mulheres. Entretanto, em uma historicidade compartilhada e vivenciada pelos moradores de Campo Alegre em imersão em campo em outubro de 2024, há um consenso de que as práticas se iniciam há, aproximadamente, 150 anos. Mais ainda, há registros de que a região é refúgio de indígenas Maxakali desde o século XIX, segundo afirma o botânico Auguste de Saint-Hilaire em seu diário “Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais” (Saint-Hilaire, 1975).



Para além de rastros⁴ da existência das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, a escritura⁵ em barro representa mudanças nos paradigmas sociais da região, em que, nitidamente, a mulher é inserida enquanto provedora de renda e líder comunitária e familiar. As barreiras do patriarcado são borradas e as mulheres de Campo Buriti e Campo Alegre expandem, a seu modo e a seu tempo, o corpo feminino enquanto território simbiótico ao cerrado do Jequitinhonha.

Façamos, então, novas caminhadas por novas geografias a partir de relações entre seres naturais inseridos em circunstâncias específicas. Geografias, aqui, para além de medidas aprisionadoras, mas construções dinâmicas e instáveis. O horizonte, então, se expande no contato diversificado com formas conhecidas da vida humana e não humana por meio de leituras, do convívio variado (...). (Tamayo, 2017, p. 53). Nesse sentido, há a “necessidade de inversão e deslocamento a respeito dos dualismos, o que significa desconstruir uma oposição criada pelos discursos normalizadores ocidentais que não foram apenas uma irrupção destrutiva, mas também um empreendimento normalizador relativo à criação de formas de expressão.” (Tamayo, 2017, p.69)

As ruas de Campo Buriti e Campo Alegre, enquanto agentes do Cerrado, são as veias pelas quais vicejam as transformações e andanças que se percebem e se agenciam nas comunidades. Os corpos femininos, carregam, ao modo das células, os potenciais que oxigenam e nutrem os membros desse corpo magnífico. É junto delas e de não humanos envolvidos na vida do cerrado, que aprendemos de outras lógicas que não reservam “um lugar” fixo para a mulher em detrimento de outros. E é por meio dos movimentos da desconstrução,

⁴O termo é usado pelo filósofo Jacques Derrida. “O traço (*rastro*) implica a retenção da diferença numa estrutura em que a diferença aparece como tal. Afirmar que a diferença se apresenta como tal, significa que ela mesma se apresenta como diferença e não como a presença de uma diferença. Nesse caso, a diferença não é uma identidade, nem tampouco a diferença entre duas identidades.” (Andrade, 2016, p.96). Segundo a mesma autora, o traço – rastro – se define por sua ausência de origem e “tudo começa pelo traço, mas ao mesmo tempo não há um traço originário. O traço não indica somente a desapareição da origem, mas a inexistência dela” (Andrade, 2016, p.97). A utilização da grafia “rastro” ao invés de “traço”, aqui, se faz pertinente visto que tateamos por sinais sem a necessidade do essencialismo das coisas, do retorno à origem, pautando-nos na ideia wittgensteiniana de que as palavras têm sentido em seu uso. O rastro, então, se constitui sincronicamente à medida em que o trilhamento pelas ideias é feito. Há um movimento contínuo de seguir pelos rastros e constituí-los. Essa sincronicidade é um elemento que nos afasta dos binarismos que pode estar presente dado o uso incorreto ou superficial das palavras.

⁵ Para Derrida, a escritura é contemplada para além de um registro oral ou escrito da fala. A escritura apresenta-se como um conjunto de rastros e manifestações de um grupo. A escritura, então, enquanto um sistema de traços em movimento que possibilita entender a linguagem não como algo dado, mas como um processo contínuo de produção de sentido através da diferença.



da inversão e do deslocamento que buscamos por uma lógica outra. Inverter a ordem para que tudo o que foi suprimido, abafado, possa se sobrepor, e deslocar, para não se manter na mesma lógica da dualidade. (Almeida, 2018, p. 22)

Corpogeografando novas identidades: corposterritóriosartesãs em disputa

Valdete Lima Gomes, a Dete, 48 anos, deste os 12 no artesanato, em uma oficina de modelagem na sua casa, nos brinda com diversas passagens da sua vida, da infância até sua identificação enquanto mulher artesã do Vale do Jequitinhonha.

Em se tratando de migrações sazonais, Dete relata sobre parte da vivência de seu pai: *“Meu pai viajava 90 dias pro sertão pra conseguir dinheiro, a gente ficava dias sem ter notícias, se tava bem, se tava vivo.”* (Registro em diário de campo para efeito da pesquisa). Mais ainda, quando interpelada por visitantes que ainda imaginam ser presente a situação do pai de Dete naquelas comunidades, Dete, sabiamente, afirma que *“Nossa luta agora é tirar esse nome de Vale da Pobreza”*.

Uma guinada é percebida a partir da riqueza da fala de Dete. O corpo das mulheres entra na disputa para reconfiguração da alcunha da região. Por muitos anos conhecido como “Vale da Fome e da Pobreza” dado o baixo IDH em consequência da pouca oferta de empregos e a péssima distribuição de renda (Lima, 2021), as ações das artesãs, prioritariamente, reivindicam um novo espaço. As comunidades de Campo Alegre e Campo Buriti, imersas no cerrado mineiro, apresentam solos pouco férteis – ao considerarmos a relação com a agricultura – e estações chuvosas irregulares. Assim, o plantio, mesmo que para subsistência, e a criação de animais torna-se tarefa desafiadora, visto que, ainda, na região há extensas áreas de monocultura de eucalipto. Cruz Hernández (2021) afirma que “os territórios, antes considerados espaços de vida, se voltam a lugares hostis para habitar quando as alianças patriarcais entre capital e as relações machistas comunitárias deixam as mulheres sozinhas em defesa do território” (Hernández, 2021, p.50). A sobrevivência ali deveria ser inaugurada de uma outra maneira. A fertilidade da terra reside em outra potencialidade.



Vale ressaltar que, como afirma Oliva (2022, p. 141), “a percepção, a reflexão e a constituição de um problema são sempre geo-historicamente situados”. Nesse sentido, segundo a mesma autora, pensar no Jequitinhonha, agora, como “Vale da Cultura” é tarefa desencadeada pelas mulheres que, colocadas em desvantagens múltiplas, saíram em defesa de seus territórios dada a chegada do vetor capitalista.

É importante que se reflita sobre corpo e território como única palavra, então, quando se “desliberaliza a noção de corpo como propriedade individual e especifica uma continuidade política, produtiva e epistêmica do corpo enquanto território” (Gago, 2019, p.107). A ideia de *corpoterritório* demarca, então, movimentos de extrapolação da ideia de espaço visto que “essa escala (a do corpo) é essencial para o conhecimento geográfico posto que é a partir desse recorte que o sujeito é colocado no centro da reprodução espacial, na co-criação entre espaço e sociedade” (Oliva, 2022, p.143). Ainda, como espaço individual e coletivo de agenciamentos em favor da defesa e continuidade da vida e da gramática ali praticada.

As artesãs no sul geográfico, em suas particularidades, “marginalizadas pelo sistema de hierarquias de pensamento racional, as que não são implicadas diretamente pelo sistema moderno-colonial” (Oliva, 2022, p.142) subvertem a ordem e passam a usar as palavras em seu favor. Santos (2023) afirma que a favela adestrou a língua, seria este fenômeno observado aqui? O Vale adestrando a língua do colonizador? O Vale revertendo ordens que eram tidas como imutáveis e intrínsecas à região? As mulheres do Vale adestrando a língua ferina da Matemática? Sigamos por este viés a partir das encenações das artesãs. Nas palavras de Louro (2018, p.8), “Corpos ganham sentido socialmente”. Dete, artesã do barro de Campo Alegre, relatando sobre sua vida no Vale “*Eu estudei até a oitava série, mas naquela época a gente não tinha sonho. A gente pensava na alegria do povo estudar, mas a gente não tinha condição. A gente tinha até vontade, mas achava que era impossível.*” (Registro para fins de pesquisa em diário de campo). A educação enquanto um não-sonho. **Uma pausa: um não-sonho intangível pela falta de infraestrutura social para a população ou um não-sonho impraticável para o corpo feminino que tem que abdicar de quaisquer desejos em função do cumprimento de seu papel social de mãe, esposa, zeladora?**



Nesse sentido, ganha força a percepção de que os *corposartesãs* não se restringem ao limite da pele daquelas mulheres, “unidade funcional e expressiva comprimida na unidade espacial mínima – que é o corpo” (Haesbaert, 2021, p.168). Partimos do corpo, então, para dinamizar uma mudança de paradigmas. Partimos de corpos mutantes – que mudam, que se invertem, que se desdobram em demandas, que são transitórios –, então, para enunciarmos a produção artesanal enquanto agente erradicador da pobreza: da alma, do estômago, do sentir... do corpo todo. Nesse sentido,

Não existem dúvidas de que foram os povos em resistência os que mostraram o caminho, mas forma e seguem sendo as mulheres que colocam em evidência a artes de organizar a esperança; ainda assim, as mulheres que defendem os territórios, de todas as idades, tempos e geografias, são invisibilizadas, apagadas e silenciadas. (Cruz Hernández, Jimenez; 2021, p.17)

Corpos como territórios, como um primeiro território. Territórios como organismos vivos, sujeitos a cicatrizes e reconexões instantâneas e novas a cada instante, a cada afeto, a cada encontro, a cada ruptura. Assumo, então, corpos em canais como entre redes, interligações e nós que se apresentam em relações de diferentes ordens com outros agentes naturais, humanos e não humanos, corpos que trazem em si os sulcos da lembrança. Mais que corpos, *corposterritóriosartesãs*.

Algo de incômodo me percorre, ainda que verdadeiro, na constituição histórica do feminino a partir do masculino. A mulher, pensada aqui, como ausência do falo. A mulher constituída a partir do não. A mulher tida como desvio do masculino. A mulher feita, então, das faltas. Sendo assim, contrariando ou ampliando as premissas do ofertado até então, pensemos na mulher do barro enquanto seres do desvio que constituem novas acepções, novas metáforas de organização social e rompimentos com barreiras dicotômicas. Assumamos as mulheres de Campo Buriti e Campo Alegre enquanto produtoras de novas possibilidades do feminino que borram quaisquer fronteiras anteriormente postas.

Ao falarmos de verdades postas como absolutas, neutras e universais nos remetemos à Matemática enquanto inquestionável, absoluta, masculina, invariável frente ao *tempoespaço* e que assume contornos ideológicos femininos, consensuais, mutáveis, transitórios e imprecisos. A alma das matemáticaS, enquanto corpo de conhecimento de humanos e não-humanos,



assume-se como uma prática social que evoca saberes e regras de comunidades que não dialogam, intimamente, com as regras das comunidades urbanas e ocidentais. Cabe-nos enfatizar que, aqui,

O paradoxo se instala novamente. Como conceber a mulher invadindo a inscrição antes pertencente somente aos devotos de uma filosofia da verdade que emanava características próprias ao saber constituído na não-contradição masculina? Essa estranha inscrição da mulher no campo da verdade torna-se insuportável para a filosofia. Ou seja, como conceber uma verdade que só é enquanto múltipla? O que será da identidade e das configurações binárias se os pares opostos perderem o sentido? Na mulher a verdade é a própria não-verdade e, a não-verdade da mulher questiona radicalmente o próprio da verdade (Silva, 2004, p. 29-30).

Avançando pelo paradoxo colocado acima, o que nos *cativa* é vislumbrar a prática do artesanato enquanto uma escritura feminina que dialoga com a manutenção e enaltecimento de um conjunto de técnicas que dialoguem com práticas localizadas espacial e temporalmente. A mulher de Campo Buriti e Campo Alegre, ultrapassando barreiras econômicas e ideológicas, supera a escrita Matemática masculina enquanto instrumento normativo e de poder. Nessa escritura, umaS matemáticaS se metamorfoseiam nas práticas socioculturais e, desafiando o fim do mundo (Krenak, 2019), encontram fugas na linguagem praticada pelas artesãs juntamente com os elementos não humanos para que, nesse adiamento, a fome e a pobreza cedam lugar à vida. Assumimos, então, matemáticaS das ausências enquanto instauração de não-verdades que desafiam os preceitos de uma ciência ocidentalizada. MatemáticaS que, nas palavras de Viveiros de Castro (2015), não se especializem na produção de pobres. E as práticas artesanais? E a inserção da mulher nesta transformação social? A artesã Valdete, a Dete, em compartilhamento em diário de campo conta que

hoje em dia a gente não passa vontade de nada, se quer comprar, compra. Antigamente não tinha isso. Tudo que é mais fácil é menos agradecido. Eu fui conhecer a cidade com 17, 18 anos. Ia lá pra vender as peças e com o dinheiro comprava as coisas. Eu comprei um pano *mêsbom*. Tem umas coisas que a gente não esquece, né? Fiz uma saia. (Artesã Dete, outubro de 2024, diário de campo)

Soa-nos como se a necessidade, se a carência, fosse algo naturalizado. A vontade, ali, poderia residir em um pedaço de tecido para feitura de uma saia ou, quem sabe, do alimento. E o que o artesanato tem com isso? Como essa guinada pode ser exemplificada?



O **apreço comercial** em larga escala para as peças artesanais é notado, efetivamente, na década de 70. Segundo Dossiê Cerâmica Popular Artesanal de Turmalina (2018), a CODEVALE – Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha – em suas atribuições institucionais previstas no decreto nº 14.194/71, “que dispunha ser sua função a promoção e realização de atividades destinadas ao estímulo e incremento do artesanato, passou a incentivar a diversificação da produção de cerâmica” (Turmalina, 2018, p. 15), passa a intervir na produção das cerâmicas. Em 1974 há a realização de uma oficina oferecida pela CODEVALE às artesãs da comunidade de Campo Alegre. “Segundo relato das artesãs, foi a partir desse momento que as artesãs passaram a produzir cerâmica decorativa e escultória.” (Turmalina, 2018, p.14-14).

Em Drácula, de Bram Stoker, lemos o dr. Van Helsing tecendo “elogios” à senhora Mina Seward: “Ah, aquela maravilhosa madame Mina! Ela tem cérebro de homem, o cérebro que o homem devia ter se fosse bem-dotado, e coração de mulher” (Stoker, 2020, p. 344). Existe coração que é de homem e coração que é de mulher? Existe cérebro que é de homem e cérebro que é de mulher? Em idealidade, o que concebemos por um cérebro? Onde a lógica é articulada, onde os pensamentos são elaborados e as maquinações são feitas? Em contrapartida, para que serve o coração? Para emanar sentimentos, para abarcar as dores do mundo, para ocupar-se daquilo que a razão acha secundário? Perigoso, muito perigoso. Em algum momento, a ciência ocidental apartou a razão da sensibilidade e relegou a última aos romances e dramas. Matemática e matemáticaS? Dicotomias querem se apossar dos meus dedos enquanto escrevo...

Não, aqui não. Não, as artesãs de Campo Buriti e Campo Alegre não nos mostraram essa verdade. Nossa não-verdade, então, busca por uma opção decolonial operacionalizada por meio de matemáticaS e empresta-se das palavras de Ailton Krenak em Futuro Ancestral (2022) quando afirma que “o primeiro presente que ganhei com essa liberdade foi o de me confundir com a natureza num sentido mais amplo, de me entender como uma extensão de tudo, e ter essa experiência do sujeito coletivo” (p.53). Paramos, inadvertidamente, de nos enxergar enquanto seres naturais mesclados ao ambiente e, com isso, deixamos de perceber a alteridade para extrairmos insumos – acadêmicos e materiais –. O não-corpo feminino, a possibilidade do feminino, se abre neste território.



Por onde a vida viceja

Por meio de uma opção decolonial em diálogo com matemáticaS, pautamos nossas lentes, para além de verificacionistas, enquanto espectadoras dos levantes sociais ocasionados por *cosposterritóriosartesãs*. À despeito de uma sociedade marcada pelo falocentrismo, o não-corpo feminino, escritura histórica de resistência, fornece elementos para a compreensão e execução de uma prática social – e acadêmica, e escolar, e econômica, e, sobretudo, de vida – de modo que “não podemos nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, porque ela serve para nos fazer desistir de nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais” (Krenak, 2022, p.19)

Os levantes, aqui, revelam-se em produtos e ações de uma prática social que não se mede, não se pesa, não aprisiona, tampouco é aprisionada. As mulheres do Vale, expoentes na luta contra aniquilamentos, por meio do artesanato inauguram uma nova forma de viver na região por meio dessas ausências: da infertilidade orgânica para os alimentos, a terra fornece a materialidade para o provimento da cultura. Do afastamento pelo projeto da modernidade, à consolidação de uma nova realidade marginal que, a todo momento, se faz presente em feiras nacionais e internacionais de artesanato e cultura. Da expropriação da terra pelas monoculturas, ao engrandecimento do cerrado mineiro pela lida cadenciada com o barro.

As matemáticaS das ausências, aqui, enquanto jogos corporais performativos dotados de regras e propósitos, são entrecortadas pelos *corposterritóriosartesãs* e interagem com a cultura enquanto forma de significação de corpos ausentes dos processos de formação e consolidação do conhecimento central (das Academias). A *ciênciamarginalartesã*, em trânsito cada vez mais intenso pelos polos de poder, é um dos constituintes nítidos da migração da alcunha de “Vale da Fome e Pobreza” para “Vale da Cultura”.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Márcia Furlan. **O corpo em cena: para além da lógica dual.** (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

CRUZ HERNANDEZ, Delmy Tania. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. *Solar*, 12(1), p.35-46, 2017.



DO RIO, João. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Pulo: Editora Schwarcz S.A., 2022.

NASCIMENTO, Evando. **Derrida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2022.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte : Itatiaia ; São Paulo : Edusp, 1975.

SILVA, Cícero Inácio da. **As mulheres de Derrida**: sobre se ver visto por uma mulher. São Paulo: Witz Editora, 2004.

STOCKER, Bram. **Drácula**. Tradução de Fábio Bonillo. Rio de Janeiro: Antropofágica, 2020.

TAMAYO, Carolina. **Vení, vamos hamargar el mundo, hasta que te asustes**: uma terapia do desejo da escolarização moderna. Tese de doutorado. UNICAMP. Campinas, 2017.

TURMALINA. **Dossiê cerâmica popular artesanal de Turmalina**. Turmalina, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Prefácio – O recado da mata. In: KOPENAWA, Davi.; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: Palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Schwarcz S.A., 2015.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

[1] Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) • Belo Horizonte, MG — Brasil • rafantunesmachado@gmail.com